

AS DIVERSAS FACES DA FOME: UMA DISCUSSÃO GEOGRÁFICA DA FOME A PARTIR DO CONCEITO DE TERRITÓRIO

The many famine faces: a geographic discussion of famine from the territory concept

Wagner Willians Alves¹
Vanessa Maria Ludka²

Recebido em: novembro de 2017

Aceito e publicado em: dezembro de 2017

Resumo

A fome não é um fenômeno natural, ela é produzida a partir das relações sociais em um determinado espaço. Este artigo tem como objetivo compreender a inter-relação da fome e o território, sob uma perspectiva geográfica. Metodologicamente esse trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas e arquivos digitais. Para a compreensão desse assunto buscou-se um embasamento teórico em pesquisadores que discutem a fome, como Josué de Castro (1966, 1982, 2003), um dos pioneiros na pesquisa sobre fome no país, e Claude Raffestin (1980), o qual pesquisa o conceito território, além de outros autores. Ao discutir a fome pelo viés geográfico deve-se também discutir o território, pois ambos são produções humanas, portanto não nascem sozinhas, revelam-se a partir de quando o homem começa a acumular riquezas e a estabelecer fronteiras defensivas as quais dificultam a distribuição das riquezas, surgindo assim a fome.

Palavras-Chave: Fome; Território; Tipos de Fome

Abstract

The famine is not a natural phenomenon, it's produced from the social relationship in a determined space. This article aims at understanding the interrelation between famine and the territory, under a geographic perspective. Methodologically, this article was done through means of bibliographical researches and digital archives. To the understanding of this topic it was searched a theoretical support around researches who discuss about famine, as Josué de Castro (1966, 1982, 2003), one of the pioneers in the research about famine in the country, and Jean Claude Raffestin (1980), who researches the territory concept, as well as other authors. When discussing the famine through the geographic bias, it is also necessary to discuss about territory, because both are human productions, so they do not come alone, reveal when the mankind starts to accumulate wealth and to establish defensive borders that make the wealth distribution difficult, giving origin to the Famine.

Key-words: Famine; Territory; Famine kinds.

INTRODUÇÃO

A fome não é um fenômeno natural, ela é produzida a partir das relações sociais em um determinado espaço. A fome não é recente, “[...] a fome sempre existiu como sempre houve pobreza e miséria ao lado da riqueza e do luxo” (CASTRO, 1966, p. 21), portanto, a fome não é

atual, ela resulta de muitos anos de má distribuição de renda, onde poucos estão com muito e muitos estão sem nada.

Este artigo tem como objetivo compreender a inter-relação da fome e o território, sob uma perspectiva geográfica. A fome, assim como o território, é produzida a partir das relações sociais em um determinado espaço, portanto para compreender a fome, se faz necessário antes de tudo, compreender o espaço onde ela ocorre, ou seja, o território.

Metodologicamente esse trabalho foi realizado por meio de pesquisas bibliográficas e arquivos digitais. Para a compreensão desse assunto buscou-se um embasamento teórico em pesquisadores que discutem a fome, como Josué de Castro (1953, 1966, 1982, 2003), um dos pioneiros na pesquisa sobre fome no país, e Claude Raffestin (1980), o qual pesquisa o conceito território, além de outros autores.

Para explicar essa relação do homem com o território e a fome, o artigo está dividido em dois capítulos relacionados ao conceito de território e fome. O primeiro capítulo destaca-se a fome, apresentando várias questões como: O que é fome? Quais os tipos de fome? Quais são os problemas relacionados com a fome? E o segundo capítulo explica a inter-relação da fome e do conceito de território.

Ao analisar geograficamente o território usado e apropriado, o mesmo se transforma numa poderosa categoria de análise social, importante argumento para compreensão da fome como processo político, e não como fenômeno natural.

O conceito de fome e suas diversas abordagens

Do nascer ao pôr do sol milhares de pessoas ficam na incerteza se terão algo para comer, ou se conseguirão alimentar sua família. Nesse contexto de incertezas é que discute-se a fome, seus conceitos e formas, revelando assim, que a mesma pode ser um problema ainda maior do que se imagina.

Não é tarefa fácil discutir a fome, porém, para melhor explicá-la, buscou-se um embasamento teórico em autores que pesquisam o assunto, como por exemplo, Josué de Castro, pesquisador da fome no Brasil e no mundo. Castro escreveu diversos livros sobre o tema, e muitos deles foram escritos antes mesmo do tema ser debatido com maior ênfase.

Para Castro (1982) a fome é assunto bastante delicado e perigoso, e nesse contexto, tornou-se um tabu para a humanidade. Segundo o mesmo autor, foram necessárias duas grandes guerras, além da revolução russa, e a morte de milhões de pessoas, em sua maioria pela fome, para que o tema fosse abordado e as civilizações ocidentais acordassem de seu comodismo e

percebessem que a fome é uma realidade gritante e extensa, e que já não é mais possível seu disfarce.

Até meados do século passado, a fome era como um tabu: o silêncio cobria os tumultos, o massacre era fatal. Como a peste na Idade Média, a fome era considerada como um flagelo insuperável, de tal natureza que a vontade humana, diante dela, nada podia fazer. (ZIEGLER, 2013, p.103).

A fome então, era considerada como uma doença contagiosa, fatal e de difícil controle. E muitos pesquisadores contribuíram para esse pensar fatalístico. Um dos exemplos mais conhecidos é o de Malthus, que em meados do século XVIII escreveu o livro *Primer Ensayo sobre la Población*, o qual dizia que a miséria seria um obstáculo positivo, que sempre atuou ao longo da história da humanidade, reequilibrando a disparidade, entre o conhecimento da população e a produção de alimentos (DAMIANI, 2011).

Mais que nenhum outro pensador, Thomas Malthus contribuiu para essa visão fatalística da história da humanidade. [...] na alvorada da modernidade, permaneceu surda e cega ao escândalo da morte de milhões de seres humanos, até mesmo acreditou encontrar nesse massacre cotidiano uma judiciosa forma de regulamentação demográfica, tudo isso se deve, em grande parte a Malthus e à sua grande ideia da “seleção natural”. (ZIEGLER, 2013, p. 103).

Por traz dessa constatação de “seleção natural” Malthus destacou o crescimento da população em um ritmo geométrico, e a produção de alimentos em um ritmo aritmético (DAMIANI, 2011). Ou seja, o homem se reproduziria em um ritmo de coelho, e a produção de alimentos em um ritmo de tartaruga (ABRAMOVAY, 1985).

Portanto, para Malthus, a fome e a miséria são males necessários, já que segundo ele a produção de alimentos não seguiria o mesmo ritmo do crescimento da população. Porém Malthus não levou em consideração que a fome é a causa e não efeito da superpopulação, e que não há fome por excesso de pessoas, mas existe esse excesso de pessoas por causa da fome (CASTRO, 1966).

Como relata Castro (1966) a fome crônica vem determinando uma elevação nos índices de fertilidade e nos coeficientes de natalidade da população, acelerando intensivamente o crescimento da população, ou seja, a fome não é causa da superpopulação, mas sim o contrário, “através de um complexo mecanismo psicológico, social e mesmo biológico, a fome crônica se constitui como um fator de superpopulação das zonas de miséria e de pauperismo generalizado (CASTRO, 1966, p 27).

Porém mesmo com tantas contradições as ideias de Malthus, elas não morrem com ele e, por meio dos neomalthusianos, seus ensinamentos são retomados no século XX, avançando em novas direções (DAMIANI, 2011). Ainda que não perseverem integralmente os pensamentos de Malthus, ou seja, não os sigam à risca, os neomalthusianos chegaram a duas conclusões básicas. A primeira que a fome é vista como produto da superpopulação e, a segunda de que o controle demográfico seria a única saída contra o fim da civilização.

Quando os neomalthusianos responsabilizam os pobres pela fome, é como se lhe aconselhassem: vocês só são pobres e tem tão pouco que só será possível sobreviverem com o que possuem se vocês amanhã forem menos numerosos. Diminuí e dividi-vos, este é o caminho de vossa salvação. (ABRAMOVAY, 1985, p. 56).

Abramovay (1985) chama a atenção para o contrário do pensamento neomalthusiano, quando se responsabiliza a pobreza pela fome, a culpa não está no ritmo de reprodução da população, mas sim, em um sistema falho de produção e de distribuição de alimentos, que acaba tornando possível a convivência cruel entre a fartura de uns e a escassez de outros.

Ao contrário, quando responsabilizamos a pobreza pela fome, estamos apontando para um sistema de produção e distribuição de alimentos que torna possível a convivência cruel entre fartura e escassez. É sintomático o fato de que os neomalthusianos raciocinam sempre em torno de tendências, isto é, de projeções para o futuro das situações que encontramos no presente. O que eles sistematicamente escamoteiam é que, em termos mundiais, o nosso planeta já poderia ter eliminado de seu cortejo de sofrimento o drama da fome. (ABRAMOVAY, 1985, p .57).

Portanto, a fome não é uma fatalidade, já que a produção de alimentos, hoje, é capaz de alimentar a população do planeta. A fome é fruto das relações sociais de dominações econômicas e políticas entre as nações e entre as classes dentro de cada nação. Porém, é algo ignorado em suas proporções, já que esta, antes de tudo leva a morte de milhões, reduzindo ao silêncio suas vítimas, como se elas próprias fossem responsáveis por sua condição quase que de “mutilação social” (MINAYO, 1986).

Para Castro (1982) a miséria e a fome não são fenômenos naturais irremediáveis, mas sim, fenômenos sociais. São portanto produtos da criação humana, produtos da exploração desumana das riquezas naturais a que se entregou verdadeiros interesses da humanidade.

[...] a fome, este câncer social que corrói a humanidade, está plantada em todas as regiões do mundo onde existem as maiores discrepâncias na distribuição das

riquezas [...]. Na verdade o faminto hoje vive num mundo de fartura e sua fome é o avesso da opulência. (MINAYO, 1986, p. 16).

Essa fome retratada por Minayo (1986), como um câncer social enraizado em todas as sociedades do mundo, que faz com que o faminto conviva com a fartura que não pode alcançar, é consequência de uma má distribuição de recursos que faz com que isso continue acontecendo ininterruptamente.

Para George (1978) seria relativamente fácil, em um sistema diferente, acabar com a fome, porém em relação as consequências da má nutrição seriam difíceis de vencer. Essas consequências só desaparecerão, segundo o autor, quando houver um desenvolvimento nos países de Terceiro Mundo.

Autores que pesquisam o assunto, chamam atenção para outro problema da fome além da privação de alimentos. Mostrando assim, que a fome pode ter diversas faces, e são algumas dessas faces que serão abordadas no próximo subcapítulo.

As diversas faces da fome

Como colocado anteriormente, a fome não manifesta-se somente quando fica-se sem comer, como afirmam a maioria das pessoas. Sentir fome vai além da privação de alimentos, porém, é em sua forma quantitativa que inicia-se a sua explicação. A fome é tratada em primeiro lugar como uma questão quantitativa, “já que é impossível alimentar-se bem comendo pouco” (ABRAMOVAY, 1985, p.12). Mas o que seria esse pouco?

Abramovay (1985, p.13) traz a resposta para essa pergunta: “A fome é portanto, em primeiro lugar, um fenômeno quantitativo, que pode ser definido como a incapacidade de a alimentação diária fornecer um total calórico correspondente ao gasto energético realizado pelo trabalho do organismo”.

Portanto, a fome como questão quantitativa seria medida pelas calorias ingeridas, que seriam insuficientes para manter as atividades diárias do organismo. Essa fome é chamada de fome global, que nada mais é do que a fome provocada pela falta de calorias e/ou energia. Neste caso uma boa alimentação requer, dentre outros fatores, que os alimentos ingeridos sejam suficientes para fornecer as calorias equivalentes aquelas despendidas nos trabalhos realizados pelo organismo (ADAS, 1988).

Já para Sobrinho (1981) o termo fome pode ser utilizado, em seu sentido mais moderno, para relatar a falta de qualquer um dos quarenta ou mais elementos nutritivos indispensáveis à manutenção da saúde, o que pode ocasionar morte prematura. Essa fome não precisa estar

diretamente ligada a falta de ingestão de alimentos, mas sim a qualidade desses alimentos ingeridos.

Assim sendo, a fome não é somente uma questão quantitativa, que pode ser minimizada com a ingestão de alimentos, mas também, uma questão qualitativa, verificando assim, que a qualidade dos alimentos é tão importante quanto a quantidade dos mesmos.

Voltando ao pensamento de Sobrinho (1981), uma pessoa pode estar passando fome mesmo que tenha acabado de se alimentar. Já que este alimento pode suprir as calorias necessárias, mas não possui os elementos nutritivos à saúde. Ou seja, além de calorias, os alimentos devem fornecer elementos nutritivos, como proteínas, sais minerais e vitaminas, que são necessárias para a restauração das células (ADAS, 1988).

Outro tipo de fome que assola milhões de pessoas é a fome conjuntural, que segundo Ziegler (2013) é altamente visível, pois é produzida repentinamente, quando ocorre uma catástrofe natural, secas, inundações, gafanhotos e até mesmo quando ocorre uma guerra. Esse tipo de fome se forma quando milhares de pessoas são colocados em acampamentos de deslocados e/ou refugiados, e ali, não se pode plantar nem colher, restando assim a espera por algum programa que os ajude a alimentar.

Além destas fomes que podem ser percebidas através das fisionomias daqueles que padecem delas, há também aquelas fomes ocultas, que dificilmente são percebidas e que fazem milhões de vítimas. A devastação causada pela má nutrição não é imediatamente perceptível. “Um homem, uma mulher, uma criança podem ter peso normal, e no entanto, estarem mal nutridos [...]” (ZIEGLER, 2013, p.56), ou seja, podem parecer saudáveis, mas estarem padecendo de faltas graves de nutrientes, o que pode ocasionar doenças graves, e até mesmo leva-los a morte. “Uma fome não saciada não permite, pois, a cobertura das necessidades nutricionais fundamentais do organismo. A não satisfação destas necessidades virá a provocar graves acidentes de saúde” (SOBRINHO, 1981, p.15).

Quando uma fome não é saciada, e nem mesmo há uma satisfação das necessidades nutricionais podem causar graves danos à saúde do indivíduo. Como foi visto anteriormente, a produção de alimentos não está crescendo de forma desproporcional ao crescimento populacional, como pensava Malthus e os neomalthusianos.

A fome e o território: uma concisa análise conceitual

Para compreender a fome, se faz necessário, antes de tudo, compreender onde ela ocorre, devido a isso, discute-se o conceito de território. Discutir o território se dá pelo fato de ser nele que a sociedade se concentra, onde se relacionam, onde se conflitam e, por fim, onde acontece a

fome. Como bem destaca Oliveira (2013, p.21) “a fome, no entanto, não pode ser compreendida isoladamente, tamanha a sua complexidade. Ao discutir o tema uma série de fatores deve ser levada em consideração, por isto a importância de discuti-lo”.

Para Santos (2007)

[...] o território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar de residência, das trocas materiais e do exercício da vida. (SANTOS, 2007, p.14).

Para isso utiliza-se o conceito de território usado, já que segundo Santos (1994) não é o território em si uma categoria de análise social, mas sim, o território usado. Nesse sentido o território usado é simultaneamente material e social, e é composto por uma dialética, como o espaço geográfico (QUEIROZ, 2014).

Sendo assim, seria um argumento precioso para a compreensão da fome como processo político e social, e não como fenômeno natural, já que a fome é condicionada mais por fatores de natureza econômica do que pelos de natureza geográfica (CASTRO, 1953).

Segundo Raffestin (1980) um espaço onde se projetou um trabalho, tanto de energia quanto de informação, e que por consequência se revela relações de poder é portanto, considerado território.

Assim sendo,

Toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por uma “produção territorial” [...] é interessante destacar a esse respeito que nenhuma sociedade, por mais elementar que seja, escapa da necessidade de organizar o campo operatório de sua ação. (RAFFESTIN, 1980, p.150).

Para Haesbaert (2011) o território possui várias vertentes, as quais o autor divide em política, cultural, econômica e natural. A vertente política refere-se as relações espaço-poder, é a mais difundida, e vê o território como um espaço delimitado e controlado, onde é exercido determinado poder, em sua maioria relacionado ao poder político do Estado.

Nesse contexto é que Souza (2013) analisa o território formado a partir das relações de poder. Portanto, não há território sem relação de poder, e o poder não existe sem o território (SAQUET, 2013), ou seja, o território está em qualquer espaço que exista uma relação de poder, e o poder existe em todo território.

O território pela vertente cultural a prioridade se dá pela dimensão simbólica e subjetiva, onde o território é analisado como um produto apropriado por um grupo em relação ao seu espaço-vivido (HAESBAERT, 2011). Já a vertente econômica é a menos difundida, e esta enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas. Nessa o território é visto como fonte de recursos ou está incorporado ao embate de classes sociais e, na relação do capital com o trabalho, sendo esse tipo de território produto da divisão do trabalho (HAESBAERT, 2011).

E por fim, a natural, que é a vertente mais antiga, porém, é pouco vinculada as Ciências Sociais. Essa analisa o território através das relações entre sociedade e natureza em uma leitura etológica³, levando conta o comportamento animal ou psicológico (HAESBAERT, 2011).

Vê-se nessas vertentes do território, várias formas de se estudar a fome, já que a mesma pode ser entendida pelo viés político, econômico, cultural e até mesmo pela vertente natural, já que um dos tipos de fome é a fome conjuntural⁴. Mas sim, como visto anteriormente, a fome é produzida pela humanidade através de suas ações, ações essas, como relata Santos (2002), que são desembocadas no território.

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. (SANTOS, 2002, p. 9).

E se é no território que a história do homem se realiza a partir das manifestações da sua existência, também é nesse fragmento do espaço que a fome se manifesta, pois como reflexo das ações, das paixões, dos poderes, das forças e das fraquezas, acima citadas por Santos (2002), e no uso desigual do território que a fome é produzida.

A geografia exhibe que o uso desigual do território, [...] continua a excluir muitos, ampliando, no entanto, a perversidade que decorre, nesta contemporaneidade, do alijamento da maioria da população do meio que nos referimos acima. Discutir a fome geograficamente é discutir também o uso do território não apenas pela produção, mas pelas possibilidades que todos devem ter de produzir alimentos especialmente, como também discutir a sua distribuição para aqueles que ainda passam fome. (OLIVEIRA, 2013, p. 55-56.).

O território “[...] é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim o território é instituído por sujeitos e grupos que se afirmam por meio dele” (GONÇALVES, 2006, p.5). O território forma-se a partir do espaço, sendo resultado de uma ação conduzida por um ator que ao se apropriar de um espaço, concreto ou abstrato, este “territorializa” (RAFFESTIN, 1980).

Assim como o território não é um fenômeno natural, a fome também não é, ela é um fenômeno social. Segundo Castro (2003) não é o solo, o clima, nem tampouco os fenômenos geográficos que criam a fome, em geral ela é produzida por fenômenos sociais, e é consequência de estruturas econômicas defeituosas. Neste caso, o mesmo espaço onde o homem realiza suas produções, é o espaço onde também há fome, como consequência da apropriação desse espaço.

A fome e o território são produções humanas, portanto não nascem sozinhas. Depois que o homem começou a acumular reservas e a estabelecer fronteiras defensivas é que começaram as dificuldades criadas pelo homem em relação a distribuição das riquezas naturais (CASTRO, 1953). A fome, assim como o território, não deve ser encarada como fenômeno natural, mas sim como algo criado pelo homem a partir de sua relação com o espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato da fome e do território não nascerem sozinhos é que mostra a importância de se estudar os dois juntos, fome e território não se separam. Quando iniciou-se a introdução com uma citação de Castro (1966) relatando a fome e a miséria ao lado da riqueza e do luxo, está falando de território. Território esse que separa a riqueza da pobreza, luxo da miséria, que acaba criando desigualdades, segregação e por fim fome.

Estudar a fome não é tarefa fácil, porém seu estudo, principalmente pela geografia, se torna uma importante forma de análise social, além do que, a partir do estudo da fome pode-se analisar como se dá a produção do espaço e como o território pode influenciar para o aumento ou para a diminuição dos casos de fome. Na geografia, a fome é olhada com outros olhos, não mais como uma doença contagiosa, mas como um problema social criado pelo homem, e por isso seu estudo é de fundamental importância para entender os processos sociais.

A fome possui diversas faces, existem as fomes que são causadas pela falta de alimento, uma fome que causa impotência pela falta de ter uma quantia de alimento suficiente para suprir suas necessidades. Existem as fomes que são causadas pela qualidade dos alimentos, quando os valores nutricionais não dão a energia necessária para as atividades diárias. Mas a fome pode aparecer através de guerras, de catástrofes naturais e humanas, e fazer com que a única opção seja esperar que o alimento chegue até aqueles que padecem de fome.

Por isso, a importância de analisar o território, pois através dele a fome ocorre, como já visto, quando no território são criadas fronteiras, a dificuldade em se conseguir algum alimento aumenta. O território é uma importante fonte de análise da fome, devido ser ele também fruto da criação humana. A fome não pode ser estudada sem que se estude o território. A fome acontece

no território, ela não é fenômeno natural, ela é fenômeno social, e sendo assim, não deve ser estudada separadamente.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **O Que é Fome.** – São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense, 1985.
- ADAS, Melhem. **1938 – A FOME: Crise ou Escândalo? / Melhem Adas.** São Paulo: Moderna, 1988.
- CASTRO, Josué de, 1908-1973. **GEOGRAFIA DA FOME: o dilema brasileiro: pão ou aço / Josué de Castro.** – Rio de Janeiro: Antares: Achiamé, 1982.
- CASTRO, Josué de. **FOME: um tema proibido – últimos escritos de Josué de Castro /** Anna Maria de Castro (org.). – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa o estudante do Brasil, 1953.
- CASTRO, Josué de. **O LIVRO NEGRO DA FOME.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- DAMIANI, Amélia Luiza. **População e geografia.** 9ª ed., 3ª reimp. – São Paulo: contexto, 2011.
- GEORGE, Susan. **O MERCADO DA FOME: as verdadeiras razões da fome no mundo.** Tradução: Eneida Cidade Araújo. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1978.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **De Saberes e de Territórios – diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana.** Niterói: 2006.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade.** – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Raízes da Fome.** 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. e Fase – Federação de Órgãos para Assistência Social, 1986.
- OLIVEIRA, Maria Leidiana Mendes de. **GEOGRAFIA DA FOME: A expressão dramática da desigualdade sócio-espacial brasileira.** São Paulo, 2013.
- QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **ESPAÇO GEOGRÁFICO, TERRITÓRIO USADO E LUGAR: ENSAIO SOBRE O PENSAMENTO DE MILTON SANTOS.** Porto Alegre, 2014.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** Tradução Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- SAQUET, Marcos Aurélio **Abordagens e concepções sobre território.** 3. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In **Território Territórios**. Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – Associação dos Geógrafos Brasileiros. Niterói, 2002.

SANTOS, Milton. O Retorno do Território. SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura. **Território: Globalização e fragmentação**. São Paulo: Heutec, 1994.

SANTOS, Milton. **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3ªed, Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SOBRINHO, Antônio Estevam de Lima. **Fome, Agricultura e Política no Brasil, A chantagem alimentar**. Petrópolis: Vozes Ltda., 1981.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 1ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ZIEGLER, Jean. **Destruição em massa geopolítica da fome/** Jean Ziegler; tradução de José Paulo Netto. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

¹ Graduando do 4º ano do curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP. alves_wagner@live.com.

² Docente do Curso de Licenciatura Plena em Geografia na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: vanessaludka@gmail.com.

³ Um território no sentido etológico é entendido como ambiente de um grupo [...] através dos quais o grupo ou bando assegura uma certa estabilidade e localização. Exatamente do mesmo modo o ambiente de uma única pessoa [...] pode ser visto como “território”, no sentido psicológico, no qual a pessoa age ou ao qual se recorre. (HAESBAERT, 2011, p.38).

⁴ De acordo com Ziegler (2013) este tipo de fome ocorre quando há uma catástrofe natural, secas, inundações, gafanhotos.